

UM SONHO DE AMOR

NORA ROBERTS

UM SONHO DE AMOR

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS



A velhos amigos

Cara Leitora:

Já escrevi vários livros sobre a família, sobre o relacionamento entre irmãos e irmãs. Mas a família não é apenas o sangue e os antepassados partilhados. É também lembranças e afeto, lealdades e frustrações. Na melhor das hipóteses, a família é amizade.

Em *Um Sonho de Amor*, gostaria de apresentar-lhe três mulheres de origens diferentes que, através das circunstâncias, foram criadas na mesma família. Partilharam a infância, as lealdades e a amizade que passaram a significar «família». Também partilham um sonho inspirado por uma trágica história. Porém, cada uma acalenta um sonho distinto e pessoal.

Para Margo, a filha da governanta, o sonho é ser alguém. E quando o seu mundo se desmorona, não tem para onde ir, a não ser voltar para casa. Que faz uma mulher quando perde tudo o que ela pensava ser importante? Como enfrenta a humilhação do escândalo público e da ruína financeira?

Margo começa do nada com um novo sonho, um sonho ousado. Com as mulheres que são as irmãs do seu coração, ela trabalha para converter esse sonho em realidade,

que todas poderão partilhar. A história de Margo é de descoberta pessoal, de risco e recompensa. E, como não podia deixar de ser, é também uma história de amor.

A atração entre Joshua Templeton e Margo existia desde a infância. Aprofundar essa atração quando adultos — e adultos obstinados e determinados —, aprendendo a aceitar-se um ao outro tal como são, é outro risco... e outro sonho. Espero que goste de partilhá-lo.

NORA ROBERTS

PRÓLOGO

Califórnia, 1846

Ele nunca mais voltaria. A guerra levava-o para sempre. Ela podia senti-lo, podia sentir a sua morte no vazio que lhe envolvia o coração. Felipe morrera. Os Americanos tinham-no assassinado... ou talvez ele tivesse morrido por causa da sua necessidade de provar do que era capaz. Mas Seraphina, parada no alto dos penhascos escarpados, por cima do Pacífico agitado, tinha a certeza de que o perdera.

A neblina turbilhonava ao seu redor, mas ela não se aconchegou no casaco. O frio que sentia era no sangue, nos ossos. Não podia ser aliviado.

O seu amor desaparecera, por mais que ela tivesse rezado, por mais que tivesse passado horas incontáveis de joelhos, suplicando à Virgem Mãe para interceder, para proteger o seu Felipe, que partira a fim de combater os Americanos, que queriam por todos os meios conquistar a Califórnia.

Ele tombara em Santa Fé. A mensagem enviada ao pai dela informava que o seu jovem pupilo morrera em combate, enquanto lutava para impedir que os Americanos tomassem a cidade. Fora enterrado lá, tão longe. Seraphina jamais tornaria a ver o seu rosto, a ouvir a sua voz, a partilhar os seus sonhos.

Não fizera como Felipe pedira. Não voltara para Espanha, à espera que a Califórnia se tornasse de novo uma terra segura. Em vez disso, escondera o seu dote, o ouro que teria ajudado a construir a vida em comum dos dois... a vida com que tinham sonhado, em tantos dias de sol, naqueles mesmos penhascos. O pai entregá-la-ia a Felipe quando este voltasse para casa como um herói. Fora o que o próprio Felipe dissera, removendo as lágrimas do rosto de Seraphina com beijos. Construiriam uma linda casa, teriam muitos filhos, plantariam um jardim. Ele prometera que voltaria e começariam tudo.

Agora, Felipe estava morto.

Talvez porque ela se mostrara egoísta. Preferira permanecer perto de Monterey, em vez de pôr um oceano entre os dois. Quando os Americanos apareceram, ela escondera o seu dote de noiva, com medo de que o levassem, pois já tinham roubado tantas outras coisas.

Agora, tinham levado tudo o que era importante. E ela lamentava, sentindo que o seu pecado era responsável pelo que acontecera. Mentira ao pai, a fim de se apossar daquelas poucas horas com o seu amor. Entregara-se a Felipe antes que o casamento fosse consagrado por Deus e pela Igreja. Enquanto inclinava a cabeça contra a força impiedosa do vento, Seraphina pensou que o pior era não conseguir arrepender-se dos seus pecados. Nem queria arrepender-se.

Não lhe restavam sonhos. Nenhuma esperança. Nenhum amor. Deus tirara-lhe Felipe. E, por isso, desafiando dezasseis anos de educação religiosa, contra uma vida inteira de fé, ela ergueu a cabeça para blasfemar contra Deus.

E saltou lá do alto.

Cento e trinta anos depois, os penhascos estavam banhados pela luz dourada do verão. Gaivotas voavam sobre o mar, com os peitos brancos virados para as águas azuis profundas mais abaixo, antes de fazerem uma curva, soltando gritos longos e estridentes. Flores, resistentes e fortes, apesar das pétalas frágeis, abriam caminho pelo solo duro, fazendo um tremendo esforço para passarem por frestas mínimas na rocha, transformando a paisagem agreste numa terra de fantasia. O vento era tão suave quanto uma carícia de mão apaixonada. Lá em cima, o céu exibia o azul perfeito dos sonhos.

Três jovens estavam sentadas no penhasco, refletindo sobre a história e o mar. Era uma lenda que conheciam bem. Cada uma tinha a sua imagem pessoal de Seraphina, de como ela se comportara nos momentos finais de desespero.

Para Laura Templeton, Seraphina era uma figura trágica, com o rosto molhado por lágrimas, demasiado solitária naquela altitude varrida pelo vento, empunhando uma única flor silvestre, enquanto caía.

Laura chorou por ela naquele momento, contemplando o mar com os tristes olhos cinzentos, a especular sobre o que ela própria faria. Para Laura, o romance estava entrelaçado com a tragédia.

Para Kate Powell, era um desperdício lamentável. Ela franziu o rosto ao sol, enquanto puxava uma haste de relva com a mão delgada. A história atingia o seu coração, é verdade, mas era o impulso que a perturbava, o impulso equivocado. Porquê acabar com tudo quando a vida oferecia muito mais?

Fora a vez de Margo Sullivan contar a história, e ela fizera-o com um intenso toque dramático. Como sempre, imaginara a noite dominada por uma tempestade, ventos furiosos, uma chuva forte, raios que riscavam o céu. O tremendo desafio do gesto emocionava-a tanto quanto a perturbava. Veria Seraphina para sempre com o rosto erguido, sussurrando uma maldição, enquanto dava o salto.

— Foi uma estupidez fazer aquilo por um homem — comentou Kate.

Os seus cabelos cor de ébano estavam presos atrás num impecável rabo de cavalo, fazendo sobressair o rosto anguloso, dominado pelos olhos castanhos amendoados.

— Ela amava-o. — A voz de Laura era baixa, o tom pensativo. — O seu único amor verdadeiro.

— Não sei porque tem de haver apenas um amor verdadeiro.

Margo esticou as pernas compridas. Ela e Laura tinham doze anos, Kate era um ano mais nova. Mas o corpo de Margo já começava a anunciar a mulher que despertava lá dentro.

— Não terei apenas um. — A sua voz vibrava de confiança. — Quero uma série deles.

Kate riu-se. Era magra, o seu peito era liso, mas não se importava nada com isso. Tinha coisas melhores em que pensar do que em rapazes. Como a escola, o basebol, a música.

— Desde que o Billy Leary enfiou a língua pela tua garganta abaixo, andas tresloucada.

— Gosto de rapazes.

Segura da sua feminilidade, Margo sorriu, irónica, enquanto passava a mão pelos cabelos louros compridos.

Caíam-lhe pelas costas, abundantes e ondulantes, da cor do trigo maduro. Sempre que escapava da atenção vigilante da mãe, apressava-se a tirar a fita que Ann Sullivan preferia que ela usasse para os prender atrás. Tal como o corpo e a voz meio rouca, aqueles cabelos pertenciam mais a uma mulher do que a uma adolescente.

— E eles gostam de mim. — O que era a melhor parte, na avaliação de Margo. — Mas juro por Deus que não me vou matar por um só que seja.

Numa reação automática, Laura olhou em redor, para ter a certeza de que ninguém mais ouvira a invocação do nome do Senhor em vão. Mas estavam sós, é claro, naquele deslumbrante dia de verão. Era a época do ano que ela mais adorava. O seu olhar parou na casa no alto da colina, por detrás delas. Era o seu lar, a sua segurança, e sentia-se feliz só de contemplá-la, com as suas torres pequenas e extravagantes, as janelas em arcadas, as telhas vermelhas que aqueciam sob o sol da Califórnia.

Às vezes, Laura pensava na casa como um castelo, sendo ela uma princesa. Só há pouco tempo é que começara a imaginar também um príncipe em algum lugar, alguém que um dia haveria de aparecer a cavalo e a arrebataria para o amor e o casamento, para uma vida de felicidade eterna.

— Quero apenas um — murmurou ela. — E, se alguma coisa lhe acontecesse, ficaria com o coração partido para sempre.

— Tu jamais saltarias de um penhasco. — A natureza prática de Kate não podia conceber essa possibilidade. Uma rapariga podia recriminar-se por errar uma jogada fácil no baseball. Ou por chumbar em alguma disciplina na

escola. Mas por causa de um homem? Ora, era um absurdo! — Em vez disso, ficarias à espera para saber o que aconteceria em seguida.

Ela também contemplou a casa. Casa Templeton, atualmente o seu lar. Das três, Kate pensava que era a única a compreender o que era enfrentar o pior e esperar. Tinha oito anos quando perdera os pais. Vira o seu mundo desmoronar-se, quase submergira, mas os Templetons acolheram-na e amaram-na. Deram-lhe uma família, embora fosse apenas uma prima em segundo grau do instável ramo Powell da árvore genealógica. Era sempre mais sensato esperar.

— Sei o que faria — anunciou Margo. — Gritaria e amaldiçoaria Deus.

E assim fez, assumindo uma pose de abjeto sofrimento, com a facilidade de um camaleão.

— Depois, pegava no dote e ia viajar pelo mundo, havia de ver tudo, fazer de tudo e ser tudo!

Margo esticou os braços, desfrutando do sol a acariciar-lhe a pele. Adorava a Casa Templeton. Era o único lar de que se lembrava. Tinha apenas quatro anos quando a mãe deixara a Irlanda e viera trabalhar para aqui. Embora fosse sempre tratada como um membro da família, jamais esquecia que era a filha de uma criada. A sua ambição era ser mais. *Muito* mais.

Sabia o que a mãe queria para ela: uma boa educação, um bom emprego, um bom marido. Ou seja, o futuro mais entediante que se podia imaginar. Margo não tinha a menor intenção de ser como a mãe, seca e solitária antes dos trinta anos.

É verdade que a mãe ainda era jovem e bonita, refletiu Margo. Mesmo quando menosprezados, os factos ainda

eram factos. Mas ela nunca saía com ninguém, nunca se divertia. E era rigorosa demais. «Não faças isso, Margo, não faças aquilo», pensou ela, irritada. «És jovem demais para usar batom e rímel.» Preocupada, sempre preocupada que a filha fosse rebelde, voluntariosa, demasiado ansiosa por se elevar acima da sua posição. «Seja lá que posição for essa», pensou Margo.

Ela especulava se o pai também fora rebelde e voluntarioso. Fora um homem bonito? Margo já se interrogara se a mãe não teria sido obrigada a casar, como acontecia com algumas jovens. Não poderia ter casado por amor; se fosse esse o caso, porque não falaria ela nunca do marido? Porque não tinha fotografias, lembranças e histórias do homem com quem casara e que lhe fora arrebatado por uma tempestade no mar?

Margo tornou a olhar para o mar e pensou na mãe. «Ann Sullivan não é nenhuma Seraphina», refletiu ela. Nada de dor e desespero; apenas alguém que vira a página e esquece.

Talvez não fosse tão errado assim, no final das contas. Se não permitisse que um homem fosse importante demais na sua vida, não ficaria muito magoada quando o perdesse. E também não significaria ter de parar de viver. Mesmo que não saltasse de um penhasco, havia outros meios de acabar com a vida.

«Se a minha mãe ao menos compreendesse», pensou ela... e sacudiu a cabeça, furiosa. Não ia pensar nisso, não ia deter-se no facto de que nada do que fazia ou queria na vida parecia contar com a aprovação da mãe. Sentia-se agitada só de pensar no assunto. E por isso não pensaria.

Preferia pensar nos lugares que visitaria um dia. Nas pessoas que conheceria. Provara dessa grandeza ao viver na

Casa Templeton, parte do mundo em que os Templetons circulavam com a maior naturalidade. Todos aqueles hotéis fabulosos que eles possuíam, em todas aquelas cidades sensacionais... Um dia ela ficaria como hóspede num deles e ocuparia a sua própria suíte... como aquela suíte que havia no Templeton Monterey: um duplex com uma decoração elegante e flores por toda a parte. Tinha uma cama digna de uma rainha, com um dossel, travesseiros macios e fronhas de seda.

Quando comentara isso com o senhor T., ele rira, abraçara-a e deixara-a saltar para cima da cama. Margo jamais esqueceria a sensação de se aconchegar naqueles travesseiros perfumados. A senhora T. dissera-lhe que a cama viera de Espanha e tinha vinte anos.

Um dia ela teria coisas lindas e importantes, como aquela cama. Não só para cuidar delas, como a mãe fazia, mas para usá-las. Porque quando se usava, quando se possuía, passava-se a ser também linda e importante.

— Ficaremos ricas quando encontrarmos o dote da Seraphina — comentou Margo.

Kate riu-se novamente e retorquiu, com uma lógica incontestável:

— A Laura já é rica. E, se o encontrássemos, teríamos de deixá-lo no banco até sermos mais velhas.

— Eu compraria tudo o que quisesse. — Margo sentou-se e abraçou os joelhos. — Roupa, joias, as coisas mais bonitas. E um carro.

— Tu não tens idade para guiar — lembrou Kate. — Eu investiria a minha parte, porque o tio Tommy diz que é preciso dinheiro para fazer dinheiro.

— Isso seria uma seca, Kate. — Margo deu uma palmada afetuosa no ombro de Kate. — Além disso, tu és

uma seca! Já sei o que faremos com o dote: uma viagem à volta do mundo. Nós as três. Iremos a Londres, Paris e Roma. E ficaremos apenas nos hotéis Templeton, porque são os melhores.

— Uma festa interminável — disse Laura, entrando no clima da fantasia. Já estivera em Londres, Paris e Roma, e achara as três cidades muito bonitas. Mas nada se comparava com a Casa Templeton. — Ficaremos acordadas de noite e dançaremos apenas com os homens mais bonitos. Estaremos sempre juntas.

— Claro que estaremos sempre juntas. — Margo colocou um braço sobre os ombros de Laura e o outro sobre os de Kate. A amizade entre elas era, para Margo, simplesmente algo que não admitia dúvidas. — Não somos as melhores amigas? E sempre seremos.

Quando ouviu o barulho de um motor, levantou-se de um pulo e apressou-se a simular desprezo.

— Deve ser o Josh e um dos seus amigos nojentos.

— Não deixes que ele te veja. — Kate deu um puxão firme na mão de Margo. Josh podia ser o irmão de Laura por sangue, mas em termos emocionais era igual a Kate, o que tornava o seu desdém bastante genuíno. — Ele só viria até aqui para implicar connosco. Acha-se muito importante agora que pode conduzir.

— O Josh não nos vai incomodar.

Laura levantou-se também, curiosa para verificar quem estava a conduzir a toda a velocidade o descapotável pequeno e vistoso. Ao reconhecer os cabelos escuros, esvoaçando ao vento, fez uma careta.

— É aquele arruaceiro do Michael Fury que está no carro. Não consigo compreender porque é que o Josh anda com ele.

— Porque ele é perigoso.

Margo podia ter apenas doze anos, mas algumas mulheres nascem com a capacidade de reconhecer e apreciar um homem perigoso. Só que os seus olhos fixaram-se em Josh. Disse a si mesma que isso acontecia porque ele a irritava... o herdeiro, o perfeito príncipe encantado, que sempre a tratava como uma irmã mais nova e parvinha, quando qualquer um com olhos na cara podia ver que ela era já quase uma mulher.

— Olá, pirralhas! — Com a descontração deliberada dos seus dezasseis anos, Josh recostou-se no banco do condutor, com o carro em ponto morto. O «Hotel California», dos Eagles, vinha do rádio do carro em altos berros.

— Outra vez à procura do ouro da Seraphina?

— Estamos apenas a desfrutar do sol e da solidão.

Mas foi Margo quem encurtou a distância, andando devagar, com os ombros esticados para trás. Os olhos de Josh sorriam, por baixo dos cabelos clareados pelo sol e desgrehnhados pelo vento. Os olhos de Michael Fury escondiam-se por detrás de óculos escuros espelhados. Não se conseguia perceber quem estaria ele a contemplar. Margo não estava muito interessada, mas encostou-se ao carro e esboçou o seu melhor sorriso.

— Olá, Michael.

— Olá.

— Elas passam a vida a andar pelos penhascos — informou Josh o amigo. — Como se fossem tropeçar num monte de dobrões de ouro.

Ele sorriu com desdém para Margo. Era muito mais fácil exhibir um sorriso desdenhoso do que ficar a pensar, nem que fosse por um momento só, na beleza dela contida naqueles pequenos calções de adolescente. Afinal, Margo não

passava de uma criança, era praticamente sua irmã. Ele estaria condenado a arder no fogo do inferno se continuasse a acalentar aqueles estranhos pensamentos em relação a Margo.

— Um dia vamos encontrá-los.

Ela inclinou-se, e Josh pôde sentir o seu cheiro. Margo ergueu uma sobrancelha, atraindo a atenção para o pequeno sinal na extremidade inferior. Tinha as sobrancelhas bastante mais escuras do que todo aquele cabelo louro-claro. E os seios, que pareciam tornar-se mais cheios de cada vez que um homem piscava os olhos, estavam bem delineados por baixo da *T-shirt* justa. Como sentia a boca seca demais, a voz de Josh saiu aguda e sarcástica:

— Continua a sonhar, duquesa. Vocês, meninas, voltem às vossas brincadeiras. Nós temos coisas melhores para fazer.

Ele partiu, mantendo um olho no espelho retrovisor. O coração de mulher de Margo palpitou com um anseio confuso. Sacudiu os cabelos para trás e ficou a observar o carro a afastar-se. Era fácil rir da filha da governanta, pensou ela, com uma fúria intensa. Mas quando ela fosse rica e famosa...

— Um dia, ele vai arrepender-se de se ter rido de mim.

— Sabes que não fez por mal, Margo — interveio Laura, tentando acalmá-la.

— Afinal, ele não passa de um homem. — Kate encolheu os ombros. — Ou seja, a definição de um idiota.

Margo riu com gosto e as três atravessaram a estrada para subir a encosta até à Casa Templeton. «Um dia», pensou ela de novo. «Um dia.»